

A multifuncionalidade de *de repente*: persistência e gramaticalização

The multifunctionality of *de repente*: persistence and grammaticalization

Sirley Ribeiro Siqueira Correio*

RESUMO: Neste artigo, expomos a trajetória de gramaticalização da expressão *de repente* no português brasileiro, do século XVI ao século XX, consoante à perspectiva funcionalista, conforme propõem Diewald, 2002; Brinton e Traugott, 2006; Bybee, 2010; Traugott, 2011, dentre outros. Pretendemos mostrar que: (i) em todas as sincronias estudadas, *de repente* mantém sua função de circunstanciador de modo; (ii) o emprego de *de repente* como modalizador epistêmico, detectado em dados referentes ao século XX, indica um processo de gramaticalização, impulsionado pela subjetivação; (iii) há evidências de que a mudança segue em direção à intersubjetivação, no que diz respeito ao seu uso mais recente como marcador discursivo. A análise baseia-se em dados coletados de língua em uso, modalidades escrita e oral. Recolhemos dados escritos do *site Corpus* do Português¹ e amostras de língua oral do acervo do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), denominado Amostra Censo².

PALAVRAS-CHAVE: *de repente*. Mudança. Gramaticalização.

ABSTRACT: In this article we explain the trajectory of grammaticalization of *de repente* in Brazilian Portuguese, from the sixteenth to the twentieth century, according to the functionalist perspective, as proposed Diewald, 2002; Brinton and Traugott, 2006; Bybee, 2010; Traugott, 2011, among others. We intend to show that: (i) in all studied synchronicities *de repente* maintains its function, (ii) the employment of *de repente* as operator epistemic detected in data for the twentieth century, indicates a process of grammaticalization, driven by subjectification, (iii) there is evidence that the change goes toward the intersubjetification, with respect to its most recent use as a discourse marker. The analysis is based on data collected in the use of language, written and oral forms. Collect data written *site Corpus* of portuguese and oral language samples from the collection of Peul (Program of Studies on the Use of Language), called Amostra Censo.

KEYWORDS: *de repente*. Changing. Grammaticalization.

* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Atua como professora substituta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹ <http://www.corpusdoportugues.org>

² <http://www.lettras.ufrj.peul/samples>

O percurso de gramaticalização de *de repente*: do século XVI ao XX

Neste artigo, apresentamos alguns resultados da pesquisa que estamos desenvolvendo acerca da trajetória de mudança da expressão *de repente*. Empregamos uma abordagem funcionalista que leva em conta a interdependência das dimensões pragmática, semântica e sintática. Deste modo, nossa análise alicerça-se em dados de língua em uso, uma vez que no processo comunicativo, a relação estabelecida entre falante e interlocutor é mediada pela expressão linguística, que é interpretada a partir de dados do contexto e da interação entre os falantes. São dois os nossos objetivos neste texto. O primeiro é o de demonstrar que *de repente*, ao longo do tempo, mantém sua função de circunstanciador de modo, incidindo sobre a ação verbal, conforme pode ser atestado por meio dos exemplos (1), (2), (3) e (4):

(1) E hindo Leão em hum cavalo que naturalmente era feroz, indomestico e de ruins manhas, e seguindo hum caminho muito estreito entre duas serras que apenas podia hir hum diante de outro, *de repente* o cavalo de Leão, mordendo primeiro a outro que hia diante, se começou a impinar e a saltar naquelle tão estreito logar e subida: de maneira que por certo se teve que fosse de algum maligno espirito (1560-1580, Historia do Japam, Luis Fróis).

(2) Auendo nella escassamente entrado, Que como vem de Deos toda á saúde, Lha concede de Pedro a grám Virtude. Aleijado de mãos e pées sara *de repente* na Coua do Sancto. Como na Sepultura milagrosa Do Propheta Elizeu, com nouo brio Tornou á noua vida venturosa Hum cadauer entrando tibio, e frio (1625, Insulana, Manoel Thomas).

(3) Arrependidos depois das Capitulações, se resolverão os Portuenses a romper a paz, recorrerão a Roma, e antes que chegasse o socorro, deraõ *de repente* nos de Braga, que estavaõ alheyos de semelhante successo, e os destroçaraõ. Pegaraõ os Bracarenses nas armas, resarciraõ o damno recebido, seguiraõ o inimigo, e o fizeraõ retirar, e entrar pelas portas de seus muros (1760, Promptuario historico I, Frei Manoel da Mealhada).

(4) No resto da sala corria um silêncio que já era de morte. *De repente*, porém, ouviu-se uma voz, fresca sonora, gritar da porta: - Gaspar! Ó Gaspar! onde diabo estás tu! Aquela voz alegre despedaçou escandalosamente o silêncio compacto da sala. Gaspar levantou-se de um silêncio e precipitou-se nos braços de Gabriel, que voltava dos seus estudos acadêmicos (1882, A Condessa de Vésper, Aluisio Azevedo).

O segundo dos nossos objetivos é o de apresentar evidências de que o processo de gramaticalização de *de repente* envolve mudança semântica relacionada à subjetivação e desenvolve-se em direção à intersubjetivação. Os exemplos (5) e (6) ilustram tal processo de gramaticalização:

(5) [O título] de propriedade, é você morar no local, ter a sua casa- que nem aqui: a gente morava aqui (f estala dedos) há muito tempo, mas era um negócio que era incerto, (est) aí depois que esse- (hes) essa leizinha aí dessas casinha que está saindo aí, esses apartamentos, aí, a rapaziada começou, ("não é?") pegar o título de propriedade que é para poder ter certeza do- que aquele terreno que ele mora é dele. (est) Hum! Se *de repente* você mora aqui trinta, quarenta anos, pensa em construir, constrói, nego te joga lá para Santa Cruz, (est) destrói a sua casa, então não tem graça- (est) {i} (inint) [(inint).] [mas aqui,] a gente tinha certeza que isso aqui não ia sair; poderia haver o que está se havendo agora, um melhoramento sobre o problema de esgoto, água, luz. (est) Essas coisa está sendo (voz ao fundo) providenciado tudo (*Corpus Amostra Censo*, 15 Rob; EF 1).

(6) Um cara que- por! Eu tenho a maior bronca de um amigo meu aqui do Rio, porque ele não indicou o endereço do cara- o meu endereço para o cara, sabe? Ele achou- ele, pela determinação dele, ele achou que o cara ia me incomodar não é? Porque eu estava com um amigo lá em casa. não tinha nada a ver cara, sabe? O cara tinha mais é que ter chegado lá em casa mesmo na melhor, <pá>. mas ele achou, por "a" mais "b"- quer dizer, o cara se- (hes.) entrou numa assim de se colocar como dono da situação, sabe? Deus, *de repente*, não é? (*Corpus Amostra Censo*, 37 Pit EM).

Para a realização da tarefa a que nos propomos, coletamos dados de amostras de língua escrita e falada. Os dados referentes às sincronias mais antigas, por motivos óbvios, restringem-se à modalidade escrita, cobrindo o intervalo do século XVI ao XIX. A fim de estabelecermos uma paridade entre os *corpora* referentes às sincronias pesquisadas, decidimos que cada *corpus* deveria ter em torno de 400.000 palavras (este foi o quantitativo referente ao *corpus* da sincronia mais antiga, que continha menos palavras). Recolhemos tais dados do *site Corpus* do Português. Nos dados do século XX, diferentemente, estão presentes amostras de língua oral, coletadas do acervo do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), denominado Amostra Censo. Sabendo que é nesta modalidade que, primeiramente, se instanciam as

mudanças semânticas e havendo dados referentes ao século XX disponíveis em tal modalidade, optamos por privilegiá-los neste momento de nossa pesquisa, ou seja, a análise de dados concernentes ao século XX baseia-se em amostras de língua oral.

No quadro 1, encontram-se os totais de ocorrências de *de repente* em cada sincronia pesquisada.

Quadro 1 - Total de dados recolhidos

Século	Ocorrências de <i>de repente</i>	%
XVI	76	23,5
XVII	29	8,9
XVIII	31	9,6
XIX	73	22,5
XX	115	35,5
TOTAL	324	100

Observa-se que, em termos de frequência, o maior percentual de ocorrência de *de repente* encontra-se no século XX. Cumpre também destacar que, de acordo com os dados analisados, até o século XIX, *de repente* ocorre com um valor monossêmico, isto é, sendo empregado apenas como circunstanciador de modo, como é o caso dos exemplos de (1) a (4).

A partir do século XX, no entanto, outros empregos de *de repente*, como os ilustrados em (5) e (6) são observados. Sobre tais empregos, discutiremos em uma seção específica. Contudo, antecipando tal seção, entendemos ser necessário apresentar os mecanismos envolvidos no processo de mudança semântica por gramaticalização, que podem estar envolvidos no processo de gramaticalização aqui estudado.

Mecanismos atuantes no processo de mudança

Pesquisas acerca dos mecanismos de mudança linguística procuram responder à questão de como vai de uma dada representação mental para

outra, considerando os mecanismos de mudança como processos que ocorrem enquanto a linguagem está sendo usada. Limitaremos nossa discussão a três mecanismos que consideramos principais no processo de mudança da expressão que estamos estudando: reanálise (associado à metonimização), analogia (relacionado à metaforização) e frequência (relacionada à repetição).

Traugott (2011) faz menção à Langacker (1977) e Harris e Campbell (1995) para explicar o mecanismo de reanálise e a possibilidade de mudança na estrutura de superfície de uma expressão. Conforme expõe a autora, para Langacker (1977), a reanálise constitui uma mudança na estrutura de uma expressão, ou classe de expressões, que não envolve modificação intrínseca ou imediata em sua manifestação de superfície, podendo apresentar dois subtipos: a) ressegmentação (perda, criação ou mudança de fronteira) e b) reformulação sintático-semântica. Para Harris e Campbell (1995), por sua vez, a reanálise (morfo)sintática envolve mudança na constituição, estrutura hierárquica, rótulos de categoria e relações gramaticais na estrutura latente, sem mudança na estrutura de superfície.

No que diz respeito à relação entre reanálise e gramaticalização, Hoper e Traugott (1993, p.80-81) consideram ser a reanálise um processo mais produtivo em gramaticalização nos níveis estruturais e morfossintáticos, de modo que, para eles, seria uma surpresa se a metáfora, que é analógica, fosse o primeiro processo a atuar pragmática e semanticamente.

Traugott (2011, p.23), acerca de tal relação, destaca que:

(i) gramaticalização e reanálise interseccionam-se, mas são independentes. Os argumentos que sustentam tal afirmação são: a) gramaticalização é unidirecional, mas reanálise, não, b) reanálise não implica perda de autonomia ou de informação, e c) reanálise consiste em dois estágios (embora a autora não considere que se trate de um “grande salto”) enquanto gramaticalização é uma sequência;

(ii) gramaticalização é um subtipo de reanálise, ou seja, trata-se de um epifenômeno desta.

Traugott (2011) ainda cita e refuta o estudo de Haspelmath (1998, p.315), de acordo com o qual, a reanálise seria distinta da gramaticalização, porque, diferentemente desta, requer ambiguidade. Para Traugott, em consonância com Harris e Campbell (1995), a reanálise depende de um padrão caracterizado pela ambiguidade de superfície ou pela possibilidade de mais de uma análise, de modo que a ambiguidade estaria associada a estágios iniciais de gramaticalização.

Outros autores, como Heine (2002) e Diewald (2002), afirmam que contextos nos quais há ambiguidade não resolvida são “estágios” necessários em gramaticalização. Segundo Traugott (2011), contudo, nem sempre tais “estágios” são indispensáveis.

Segundo Hoper e Traugott (1993), as mudanças de sentido que surgem por contiguidade nos contextos linguísticos (incluindo os pragmáticos) são conhecidas como metonímias conceptuais ou associativas. Segundo os autores, a metonímia: (i) é uma estratégia para resolver o problema da expressão de atitudes dos falantes que serve para regular a comunicação e a negociação na interação de falantes e ouvintes; (ii) indexa relações no contexto e opera através de constituintes morfossintáticos interdependentes.

Gonçalves et alii (2007, p. 47) explicam que a metonímia remete a um tipo de inferência pragmática, uma “associação conceptual” fundamentada no mundo discursivo. Nessa linha, a mudança de significado por associação metonímica resulta de um raciocínio “abduativo”, por meio do qual o falante observa determinado resultado no discurso, invoca uma lei (da linguagem) e infere que, em um uso posterior, pode ser aplicada essa mesma lei.

De acordo com Heine et alii (1991, p.73-78), o surgimento da metonímia deve-se à manipulação discursivo-pragmática pela qual conceitos são submetidos aos fatores contextuais na interpretação de uma dada expressão. Esse processo, rotulado pelos autores de “reinterpretação induzida pelo contexto”, envolveria os seguintes estágios:

1) Uma forma linguística F adquire, além de seu sentido primeiro A, um sentido B, quando usado em um contexto C, o que pode resultar em

ambiguidade semântica, uma vez que os dois sentidos podem ser sugeridos no contexto C.

2) o sentido B pode ser usado em novos contextos que são compatíveis com o sentido B, mas não com o sentido A, que é excluído.

3) B é convencionalizado; possui elementos que A não possui. F passa a ter duas polissemias, A e B, que podem eventualmente se desenvolver em homófonos.

Heine et alii (1991) também apresentam algumas perspectivas ou abordagens pelas quais a reinterpretação induzida pelo contexto tem sido discutida:

a) Inferência sugerida: resultante de um tipo de implicatura conversacional especial.

b) Perspectivização: decorrente de uma estratégia cognitiva pela qual diferentes usos de F tendem a ressaltar diferentes componentes ou sentidos (B) daquela forma;

c) Esquemáticação: A sendo usado diariamente em um grande número de contextos pode ter suas diferenças individuais postas em segundo plano e as similaridades em primeiro; o resultado seria um esquema B que representaria uma "idealização" daquele conceito.

d) Extensão prototípica em contextos específicos: quando certos exemplos ou atributos de uma categoria são postos em primeiro plano, tem-se um processo que pode levar à extensão de estruturas prototípicas.

De acordo com Traugott e Dasher (2005, p. 29), a noção de metonímia conceitual precisa ser expandida para dar conta da subjetivação e intersubjetivação. Ambas são dependentes da díade falante/escritor – ouvinte/leitor e, por hipótese, derivam do mecanismo de inferência metonímica combinado com estratégias retóricas no contexto do evento discursivo.

Traugott (2010, p.1) define subjetividade como a relação entre o falante e suas próprias crenças e atitudes e intersubjetividade como uma relação voltada para a face do destinatário. A autora chama atenção para a distinção entre subjetividade (estado sincrônico) e subjetivação (processo diacrônico no

qual os constituintes são tomados pelos falantes para codificar sentidos mais abstratos e pessoais, relativos às suas crenças, atitudes e valores). Paralelamente, a intersubjetividade (estado sincrônico) e intersubjetivação (processo diacrônico) dizem respeito a busca da adesão acerca de determinado ponto de vista ou do convencimento do interlocutor, com atenção especial do falante para a autoimagem do destinatário.

De acordo com Traugott (2010, p. 4), subjetivação e intersubjetivação são os mecanismos pelos quais:

a. sentidos são recrutados para codificar e regular as atitudes e crenças (subjetivação);

b. uma vez subjetivados, tais sentidos podem ser recrutados para codificar significados centrados no destinatário (intersubjetivação).

Traugott & Dasher (2005) preocupam-se em explicar em que medida a subjetividade, que explicitamente imprime o ponto de vista do falante, é capaz de, no uso linguístico, codificar novos sentidos. Segundo os autores, as expressões mais subjetivas estão envolvidas em contextos em que predominam:

a) dêixis temporal e espacial clara;

b) marcadores explícitos de atitude do falante para o que é dito, incluindo atitude epistêmica para a proposição;

c) marcadores explícitos de atitude do falante para o relacionamento entre as partes do texto;

d) predomínio do princípio da relevância.

De acordo como Traugott e Dasher (2005, p.31), a subjetivação repousa em princípios cognitivos, mas toma lugar no contexto de comunicação e nas estratégias retóricas. Relaciona-se diretamente com as interações falante/escritor – ouvinte/leitor e com as motivações de competição entre falantes (para serem informativos) e ouvintes (para construir as inferências sugeridas). Em outras palavras, é um processo de base metonímica pelo qual o falante/escritor recruta sentidos para transmitir informação a ser trabalhada na comunicação. Para Traugott e Dasher (2005), a subjetivação, inevitavelmente,

envolve, em alguma medida, a intersubjetividade. Tal ênfase no contexto de comunicação, isto é, em todas as pistas linguísticas que aparecem no entorno, levou Traugott (2010, p. 17) a considerar a subjetivação como um subtipo de reanálise semântica (relacionada a processos metonímicos).

Traugott & Dasher (2005, p. 95) já haviam mencionado uma tendência segundo a qual sentidos tendem a se tornar cada vez mais baseados nas crenças e atitudes subjetivas dos falantes em relação à proposição. Esta tendência é exemplificada pelo desenvolvimento da modalidade epistêmica, de partículas escalares como *even* e de elementos concessivos a partir de temporais (como no caso de *while*). Hawkins (1995 *apud* Traugott & Dasher, 2005) sugere que talvez o processo de subjetivação tenha sua base na habilidade humana de pensar e dizer coisas que estão além da fronteira do conhecimento do falante, falar sobre eventos futuros como se fosse possível ter a certeza de saber que tais acontecimentos irão ou não ocorrer.

De modo a sumarizar suas considerações, Traugott & Dasher (2005, p. 97) afirmam que consideram a subjetivação como sendo o maior mecanismo de mudança linguística. Na visão dos autores, é associativa e metonímica em relação ao ato de comunicação do falante e, mais especificamente, em relação à sua atitude, que pode ser observada: (i) relativamente à atitude de outros referentes, (ii) em contextos em que o falante expressa sua atitude acerca da factualidade de proposições (marcadas, por exemplo, pela modalidade epistêmica como *probably* e evidenciais como *I hear*), e (iii) em posturas argumentativas e retóricas adotadas pelo falante (como marcadores discursivos do tipo *in fact*). Cabe ressaltar que a subjetividade pode ter diferentes manifestações de acordo com a estratégia discursiva escolhida.

Segundo Traugott (2010, p. 6), há uma forte correlação entre gramaticalização e subjetivação e uma mais fraca entre gramaticalização e intersubjetivação. Embora não seja restrita à gramaticalização, a subjetivação é mais provável de ocorrer na gramaticalização do que em lexicalização ou mudança semântica em geral, presumivelmente porque gramaticalização, por

definição, envolve o recrutamento de itens e expressões para marcar a perspectiva do falante de fatores tais como:

- quem faz o quê a quem (estrutura do argumento);
- como a proposição está relacionada ao tempo de fala ou à temporalidade de outra proposição;
- se a situação é perspectivada como contínua ou não (aspecto);
- se na situação é relativizada a opinião do orador (modalidade, humor);
- se as entidades referidas são entendidas como iguais ou diferentes (pronomes, indexicais);
- que parte de uma cláusula é vista como tópico ou foco;
- como enunciados estão ligados uns aos outros (conectivos, marcadores discursivos).

Traugott (2010, p. 8) também destaca que a subjetivação é mais provável de ocorrer em gramaticalização primária (a mudança de material lexical para gramatical) do que em gramaticalização secundária (o desenvolvimento de material já gramatical em material mais gramatical). Isto porque a gramaticalização primária exige muitas vezes ante o fortalecimento da inferência pragmática que surge em contextos linguísticos muito específicos antes da sua semanticização e reanálise como elementos gramaticais.

Nicolle (2011) tratando da díade falante/escritor – ouvinte/leitor afirma que o destinatário contribui para a rotinização e convencionalização dos processos inferenciais através de sua tendência de minimizar o esforço do processo, enquanto falantes podem usar a língua para expressar mais do que é estritamente codificado, incluindo suas próprias atitudes em relação à situação que está sendo descrita. O autor observa que os sentidos tendem a expressar a perspectiva subjetiva do falante na situação e evoca a definição de subjetivação proposta por Traugott.

Nicolle (2011) ainda apresenta, como exemplo de subjetivação em Inglês, o desenvolvimento de *suposing* que, gradualmente, passou a ser usado

quase que exclusivamente para expressar a atitude do falante em relação à proposição, ou seja, sua avaliação da proposição como hipotética.

Neste caso, subjetivação envolve uma mudança de um alto grau de comprometimento em relação à veracidade da proposição para um baixo grau de comprometimento em relação ao que está sendo exposto por parte desse falante. De acordo com o autor, o desenvolvimento da modalidade epistêmica tem sido frequentemente descrito em termos pragmáticos como envolvendo inferência, sugerindo que subjetivação resulta de inferência. Contudo, o pesquisador argumenta que, em certas construções, subjetivação pode desencadear mudanças estruturais características de gramaticalização, independentemente de convencionalização de sentido inferencial. Para concluir, afirma que as inferências ou interpretações que contribuem para gramaticalização são aquelas pretendidas pelo falante e que são rotineiramente associadas com expressões particulares.

Eckardt (2011) também trata do desenvolvimento de modalizadores e afirma que tais partículas emergem por reanálise semântica e exibem o fenômeno da gramaticalização em um sentido semântico. Segunda a autora, uma análise mais refinada desses elementos mostra que leituras epistêmicas repousam em uma escolha subjetiva de opção relevante. Como exemplo é citado o desenvolvimento de *could*.

O posicionamento de Nicolle (2011) e Eckardt (2011) reitera as ideias de Traugott (2010; 2011) e Traugott & Dasher (2005). A exemplificação com dados do Inglês reforça o postulado de que a subjetivação está fortemente ligada ao processo de mudança semântica sofrido por termos de natureza lexical que passaram a ser usados como modalizadores epistêmicos.

Outro mecanismo bastante discutido na literatura funcionalista é o de analogia, que aparece relacionado ao processo de metaforização. Examinaremos o que alguns autores têm exposto acerca de tal mecanismo.

Hoper e Traugott (1993) consideram a analogia como um dos mecanismos mais abrangentes e reconhecidos de mudança de significado, enfatizando que a analogia constitui um pré-requisito para a gramaticalização. Segundo os autores,

a analogia está associada ao processo de metaforização, que envolve o entendimento de uma coisa em termos de outra, com a direcionalidade de transferência do sentido básico, geralmente concreto, para um sentido mais abstrato. Para os autores, processos metafóricos são processos de inferência por meio de fronteiras conceituais e são tipicamente referidos em termos de “mapeamentos” ou de “saltos associativos”, de um domínio para outro, ressaltando-se que tais “mapeamentos” não são aleatórios, mas motivados por analogia e relações icônicas que tendem a ser observadas translinguisticamente.

Hoper e Traugott (1993) também assinalam que o processo metafórico tem sido tradicionalmente considerado como semântico, mas afirmam que isso não é uma condição e que é mais apropriado considerá-lo pragmático, uma vez que a metáfora é primariamente analógica. Ademais, sugerem que os usuários da língua possuem uma propensão natural para fazer extensões metafóricas que levam a maior utilização de certos itens. Como exemplo de metáfora envolvendo gramaticalização, é citado o desenvolvimento de termos referentes a partes do corpo, resultando em locativos (como o caso de *behind*, que exemplifica a mudança objeto > espaço); e ainda expressões relativas ao espaço que deram origem a elementos de natureza temporal.

Bybee, Perkins & Pagliuca (1994, p.283-285) tratam a analogia em termos de extensão metafórica cuja definição remete a uma mudança de um domínio concreto para um abstrato, com a preservação de algo da estrutura relacional originalmente expresso. Os autores evocam o trabalho de Heine et alii (1991) para quem: (i) a metáfora envolve uma mudança abrupta de um domínio para outro, enquanto a gramaticalização constitui um processo gradual, (ii) são exemplos inquestionáveis de mudança semântica, envolvendo extensão metafórica, aqueles casos em que termos referentes a partes do corpo são recrutados para servir a funções espaciais.

Traugott e Dasher (2005, p.75-78) afirmam que, em trabalhos iniciais, tendia-se a assumir que o mecanismo de mudança mais atuante era a metáfora, interpretada como um princípio analógico que envolveria a tarefa de conceptualizar um elemento de estrutura conceitual C¹ em termos de um

elemento de outra estrutura conceitual C². Uma vez que opera entre domínios, os processos de mudança motivados por metaforização envolveriam uma comparação entre “fontes” e “alvos” em diferentes domínios conceituais. Os autores questionam, contudo, o que poderia ser considerado um domínio, já que o termo é usado numa ampla variedade de sentidos. Apesar da variedade de sentidos, o termo “domínio” continua sendo empregado, quando o assunto é analogia.

Bybee (2010), definindo ‘construção’, em termos semelhantes a Goldberg (1995) e Croft (2001), considera que uma importante fonte para a criatividade no uso linguístico, que nos permite a expressão de novos conceitos e a descrição de novas situações, está na habilidade de expandir certas “fendas” esquemáticas em construções, para preenchê-las com novos itens lexicais, frases ou outras expressões. Para a autora, o termo analogia refere-se ao processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção; a probabilidade e a aceitabilidade do novo item são gradientes e baseiam-se na extensão de similaridade de usos iniciais/originais da construção. Bybee também chama atenção para a aceitação de analogia como um processo de domínio geral caracterizado por similaridades estruturais em dois domínios distintos.

Traugott (2011, p. 24-28) afirma que, frequentemente, a analogia apresenta-se entrelaçada com a reanálise e que, em morfologia, normalmente, são mencionados dois tipos de analogia. No primeiro, a analogia é vista como nivelamento, especificamente de redução de raízes alomórficas (como o nivelamento da distinção singular/plural, no passado, da maioria dos verbos em Inglês); já o segundo tipo de analogia remete à extensão, generalização (por exemplo, o uso da marca –s para o plural da maioria dos nomes). A autora cita o modelo de atualização que sugere que a analogia segue a reanálise, acrescentando que se tem notado que a reanálise pode normalmente ser detectada apenas via evidência de extensão analógica. Como exemplo, menciona o caso de *be going to* que se gramaticalizou apenas em ocorrências com verbos

que são semanticamente incoerentes com a noção de “movimento para um propósito”.

Considerando tal caso, é importante citar Himmelmann (2004), que se refere à analogia como extensão e propõe três subtipos:

(i) extensão semântico-pragmática: os sentidos pragmáticos tornam-se convencionalizados em contextos específicos e podem eventualmente ser semanticizados como polissemias;

(ii) expansão sintática: embora a gramaticalização ocorra em contextos sintagmáticos restritos, a coexistência de ambos os usos, como verbo auxiliar e principal (*be going*), permite uma gama mais ampla de usos sintáticos do que era disponível antes do desenvolvimento do auxiliar;

(iii) expansão da classe prototípica (*host-class expansion*): a gama de colocações é expandida. Exemplo.: *be going to* como auxiliar pode ocorrer com verbos estativos; o mesmo não se pode dizer da construção de movimento.

Traugott (2011) conclui sua reflexão acerca da analogia, afirmando que mudanças de sentido de natureza analógica que interagem com gramaticalização são metaforizações. Para ela, a metáfora tem sido pensada como sendo o maior fator semântico em gramaticalização, mas uma inspeção mais rigorosa dos *corpora* sugere que, em muitos casos, a interpretação metafórica é resultado de mudança metonímica não-analógica contextualmente derivada. Concordamos com tais considerações feitas pela autora e acreditamos que são aplicáveis ao nosso objeto de estudo.

Consideramos ainda relevante o estudo do papel da frequência no processo de mudança semântica. Acerca deste mecanismo, Brinton e Traugott (2006) expõem que, ao longo do tempo, itens gramaticais tornam-se mais frequentes do que as construções lexicais das quais se originaram. Uma característica da gramaticalização bastante conhecida é o crescimento da frequência *type*³ que envolve a co-ocorrência da unidade sofrendo

³ Bybee (2001) lançou mão da terminologia *token frequency* para a ocorrência de uma dada unidade em determinado *corpus* e *type frequency* para a frequência de determinado padrão na língua.

gramaticalização com um número cada vez maior de outras unidades *types*. Como exemplo, é citado o caso de *be going to* que ampliou o número de verbos com os quais poderia co-ocorrer, de modo que o processo de gramaticalização dessa expressão consolidou-se quando ela passou a ser empregada com verbos ou sujeitos que seriam inadequados para o sentido “fonte” (o de movimentação com intenção no espaço); isto é, quando *be going to* passou a ser usado com sujeitos inanimados como “terremoto” e com verbos estativos como “saber”, a frequência *type* da expressão aumentou, o que também ocasionou o aumento da frequência *token* e contribuiu para o desbotamento semântico (*bleaching*) da expressão em questão.

Em Traugott (2011), encontramos algumas considerações relevantes acerca da frequência. Segundo a autora, a repetição, como um mecanismo que leva à frequência, é diferente da reanálise e da analogia, uma vez que é primariamente derivada da produção “*online*” do falante, ao invés da interpretação do ouvinte. Para Traugott (2011), a frequência aparece no contexto das discussões recentes sobre os mecanismos que levam à mudança semântica. A autora apresenta a definição de gramaticalização proposta por Bybee (2001, 2003), de acordo com a qual, a gramaticalização é o processo em que uma sequência de palavras ou morfemas frequentemente usada torna-se automatizada como uma única unidade de processamento. Com base na distinção já mencionada entre frequência *token* e *type*, acrescenta que a repetição *token* leva a: (i) redução fonológica como, por exemplo, ocorre em *be going to* > *be gonna*, *isn't it* > *innit*; (ii) entrincheiramento que permite a retenção de antigas propriedades, como se observa com alguns verbos auxiliares em Inglês que mantêm padrões anteriores de inversão interrogativa; e (iii) armazenamento na memória.

Traugott chama a atenção para o fato de que, em alguns casos de gramaticalização, não há evidências que indiquem terem eles surgido por meio da alta frequência, ou até como resultado dela. A autora adverte, entretanto, que a maioria dos exemplos de gramaticalização investigados mostra aumento de frequência no início do processo. Nossos dados do século XX indicam que *de*

repente apresentou um aumento tanto na frequência *token* quanto na frequência *type*. E, conforme já assinalamos, os empregos de *de repente* como modalizador epistêmico de possibilidade e marcador discursivo, não detectados em sincronias anteriores, são encontrados nos dados referentes ao século XX.

Não podemos nos esquecer, no entanto, que os *corpora* relativos às sincronias anteriores são da modalidade escrita, o que, naturalmente, pode ter inibido as ocorrências de *de repente* nas funções de modalizador epistêmico de possibilidade e de marcador discursivo, verificadas no século XX, em *corpus* de linguagem oral. Assim, sendo, temos de ser cuidadosos quanto ao papel da frequência em relação ao fenômeno em tela: não descartamos nem valorizamos sua influência no processo.

De repente: rumo à gramaticalização

Nesta seção, vamos concentrar nossa atenção nos dados referentes ao século XX, que nos forneceu ocorrências *de repente*, atuando também como modalizador epistêmico de possibilidade e como marcador discursivo. Como já mencionamos, nos dados relativos às sincronias anteriores, do século XVI ao século XIX, só encontramos ocorrências de *de repente* como circunstanciador de modo. O aparecimento das funções de modalizador epistêmico de possibilidade e de marcador discursivo indica que *de repente* tem ampliado sua gama de empregos e sugere a existência de um processo de gramaticalização.

O quadro 2 apresenta a distribuição das ocorrências de *de repente* de acordo com a função exercida.

Quadro 2 - Funções exercidas por *de repente*

FUNÇÕES	Ocorrências	%
Circunstanciador de modo	36	31,3%
Modalizador epistêmico de possibilidade	72	66,7%
Marcador discursivo	05	4,6%
Total	108	100%

Os dados, apresentados no quadro 2, mostram que *de repente* tem sido usado, prioritariamente, na contemporaneidade e na modalidade oral, como modalizador epistêmico de possibilidade. A função de circunstanciador de modo mantém-se e há apenas alguns dados que correspondem às ocorrências de *de repente* como marcador discursivo. Na sequência, passamos ao exame de cada uma dessas funções:

I) – circunstanciador de modo: esta é a função que tem sido recorrente em todas as sincronias e, portanto, acreditamos que as demais funções sejam dela derivadas. Indica, como já dissemos, o modo como se desenvolve determinada ação verbal.

(7) Ai, está muito caro. Está caro demais. Eu acho que as coisa (hes.) aumentaram, assim *de repente*, não é? E (cachorro latindo) do jeito- (f) o sal rio aumentou dia primeiro, antes do sal rio aumentar, já tinha aumentado tudo, (cachorro latindo) não é? Quer dizer que ("o") pobre hoje em dia não pode mais- pobre não está podendo mais viver (*Corpus Amostra Censo*, 04 Lei; EF 1).

(8) Deus me livre! É uma tristeza! A gente tem que ficar tudo dentro de casa com medo que pode sair uma bala *de repente*. Bala não tem direção, não vem escrita para quem é, não é? (colega fala em paralelo) [Aí tem que ficar quietinha dentro] de casa para bala não atingir a gente. Mas é uma tristeza (*Corpus Amostra Censo*, 06 Jup; EF1).

No exemplo (7), *de repente* é usado ao lado de outro circunstanciador de modo (*assim*) para mostrar que a ação de "aumentar" ocorre de maneira súbita. Já em (8), o falante comenta sobre a situação de violência urbana, na qual, subitamente, alguém pode ser alvo de uma bala.

II) modalizador epistêmico de possibilidade: Segundo Hengeveld (1989), tal modalidade abrange os meios pelos quais o falante expressa seu compromisso com a verdade da proposição. Nesse sentido, a expressão desse tipo de modalidade dá-se em um *continuum* que vai do (absolutamente) *certo* para os limites do *possível*. Justamente próximo ao segundo extremo, percebemos a atuação de *de repente*, na medida em que diversas vezes é utilizado por falantes para demonstrar incerteza acerca de suas declarações.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (1977), ao confessar suas dúvidas e incertezas, o sujeito enunciador, ao invés de perder, ganha em credibilidade; desse modo, essa confissão constitui uma “astúcia discursiva”, já que, graças a ela, o enunciador se beneficia de um crédito de honestidade. A seguir, apresentamos os exemplos (9) e (10) em que *de repente* ocorre como modalizador epistêmico de possibilidade:

(9) F- Eu nunca estive por lá não, (hes) nem- (hes) eu acho que nem em São Paulo, mas eu acredito (hes) pelo seguinte: que quando eu trabalhava em Ipanema, numa boutique, ia muita gente do Sul, não é? Em época de férias. E as pessoas usavam muito bem, pelo menos assim do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, o pessoal falava assim corretamente. Agora, eu não sei se é a classe média, porque quem viaja e quem vem para cá para o Rio de Janeiro, Ipanema fazer compra, é uma classe média. (est) *De repente*, a classe média aqui do Rio de Janeiro também pode falar bem, não é? Aí eu estou generalizando um pouco, não é? Mas eu acredito que no sul se fala um pouquinho bem. A Cleonice está dizendo que no Maranhão [fala]-fala muito bem, é? (risos) Eu nunca- não conheço. [Não]- não sei. (41 PauR; EM).

(10) E- É. Folha, com a administração deles eu acho meio difícil não ser, sabe? Agora, há também uma reviravolta aí, não é? Futebol é uma coisa meio incerta. *De repente*, esse <timeco> aí, não é? Do fluminense começa a engrossar. Aliás ele costuma a engrossar com o Flamengo, não é? Está arriscado assim dar uma goleada num- nesse time- (hes.) No campeão do mundo, não é? Não sei! (37 Pit; EM);

No exemplo (9), o informante é questionado sobre a região do Brasil na qual o Português seria mais corretamente falado. Notamos que o informante procura expor sua opinião sobre esse assunto de modo pouco incisivo, uma vez que, embora aponte os falantes do Sul como usuários eficientes do Português, também cita cariocas de classe média, além da opinião de outra pessoa que

julga serem os maranhenses os brasileiros que falam muito bem o português. Em outras palavras, observamos a recusa do falante em fazer uma afirmação, o que o leva a modalizar seu discurso. Ademais, percebemos que o falante, ao emitir sua opinião, faz uso de outros modalizadores como “eu acho”, “eu acredito” e “não sei” que confirmam o caráter subjetivo do enunciado e o emprego de *de repente* como modalizador epistêmico de possibilidade.

Em (10), o informante está criticando a administração de seu clube de futebol, ou seja, está emitindo uma opinião. Considera seu time fraco, mas, como também considera futebol “uma coisa incerta” e, como está se referindo a um evento futuro, aventa a possibilidade, sem com ela se comprometer, de o Fluminense ganhar Flamengo de goleada. Alguns trechos de sua fala, como “Está arriscado”; “eu acho” e “não sei” reforçam tanto a interpretação de *de repente* como um modalizador epistêmico de possibilidade quanto a relação entre subjetivação e gramaticalização.

Neste ponto da explanação, julgamos importante reiterar que Eckardt (2011), referindo-se ao desenvolvimento de modalizadores, afirma que a emergência dos mesmos ocorre por meio de reanálise semântica. Segundo a autora, uma análise mais refinada desses elementos demonstra que leituras epistêmicas repousam numa escolha subjetiva de opção relevante. O posicionamento de Eckardt vai ao encontro dos achados de Traugott (2010; 2011) e Traugott & Dasher (2005), para quem a subjetivação está ligada ao processo de mudança semântica sofrido por termos de natureza lexical que passaram a ser usados como modalizadores epistêmicos.

A observação do conjunto de dados em que *de repente* ocorre, desempenhando a função de modalizador epistêmico de possibilidade, levou-nos a depreender alguns contextos favorecedores desse uso. Observamos que *de repente* é empregado quando em situações de comunicação se verificam:

- (a) considerações pouco embasadas acerca de um tópico – conforme podemos conferir no exemplo (9);
- b) pressuposições referentes a eventos futuros – como ilustrado em (10).

O quadro 3 apresenta a distribuição das ocorrências de *de repente* de acordo com os contextos arrolados:

Quadro 3 - Contextos discursivos favorecedores do emprego de *de repente* como modalizador epistêmico de possibilidade

Contextos	Ocorrências	%
Considerações pouco embasadas acerca de um tópico	46	63,9
Pressuposição acerca de evento futuro	26	36,1
Total	72	100

III) marcador discursivo: neste uso, *de repente* possui uma função discursiva voltada, basicamente, para a atividade enunciativa, de modo a assegurar a ancoragem pragmática com projeção das relações interpessoais. Os marcadores discursivos, de modo geral, definem, de acordo Risso *et alii* (2002), a força ilocutória com que o conteúdo pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ele, a checagem da atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, e a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre as unidades textuais. A seguir, apresentamos o exemplo (11) que ilustra o uso de *de repente* como marcador discursivo :

(11) F- Treze anos, pô! A gente, pô- quer dizer, uma loucura, não é? Quer dizer, ela se via desesperada. E um filho que não estava muito aí para as coisa, não é? Saía aí pelo mundo e tal. Quer dizer, eu acho que hoje (hes) [esse]- esse mau relacionamento entre ela e com a minha cunhada, eu acho que é muito derivado dessa experiência que ela teve comigo, não é? Sendo um menino, quer dizer, logo assim na perda ("de") meu pai, não é? Enfrentando tudo isso, eu acho que-sabe? Está havendo esse choque hoje muito em cima daquele, sabe? (est) e ela é uma mulher que, *de repente*, sabe? Se viu muito próxima da gente, não é? Deu toda uma vida, não é? Aquela de (inint,) não é? (20 Pau EF).

No exemplo acima, notamos que *de repente*, do ponto de vista da integração da estrutura oracional, aparece como unidade independente. Ocorre

ao lado de outro marcador discursivo (*sabe?*) com uma orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, numa busca da atenção deste, sinalizando um envolvimento interpessoal, isto é, caracterizando um processo de intersubjetivação. Relembrando Traugott (2010, p.1), a intersubjetivação diz respeito à busca de adesão a determinado ponto de vista ou de convencimento do interlocutor, com atenção especial do falante para a autoimagem do destinatário. De acordo com Traugott, subjetivação são os mecanismos pelos quais sentidos são recrutados para codificar e regular as atitudes e crenças do falante. Uma vez subjetivados, tais sentidos podem ser recrutados para codificar significados centrados no destinatário (intersubjetivação). Como são poucas as ocorrências referentes a esse tipo de emprego, vamos considerá-las, por enquanto, até analisarmos dados referentes ao século XXI, como indicadores (ou evidências) de que o processo de gramaticalização de *de repente* faz o percurso em direção à intersubjetivação.

Considerações finais

Neste artigo, demonstramos que, embora continue a ser empregado como um circunstanciador de modo, função que detectamos já no século XVI, *de repente* passou a agregar, a partir do século XX, novas funções e sentidos mais abstratos, sendo também utilizado como modalizador epistêmico de possibilidade e marcador discursivo. Com base em tal quadro, concluímos que *de repente* encontra-se em processo de gramaticalização que envolve mudança semântica relacionada à subjetivação, no que se refere ao seu emprego como modalizador epistêmico. Adicionalmente, concluímos haver evidências de que a mudança segue em direção à intersubjetivação, no que diz respeito ao seu uso mais recente como marcador discursivo.

Referências

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

_____. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. Sequentiality as the basis of constituent structure. In: Givón, Talmy; Malle, Bertram F. (eds.), *The Evolution of Language out of Pre-language*. Amsterdam: Benjamins, 2002, 109–34.

BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BRINTON, Laurel and TRAUGOTT, Elizabeth C. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: CUP, 2006.

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.), *New Reflections on Grammaticalization*, 2002, p. 103-120.

ECKARDT, Regine. Grammaticalization and semantic change. In: NARROG, H. and HEINE, B. (eds). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

GONÇALVES, Sebastião Carlos L. *et alii. Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HARRIS, Alice C.; CAMPBELL, Lyle. *Historical Syntax in Cross-linguistic Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HASPELMATH, Martin. Does grammaticalization need reanalysis?. *Studies in Language* 22, 1998, p.315–351.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I. and DIEWALD, G. (eds.), *New Reflections on Grammaticalization*. 2002. xiv, 437 p. (p. 83–101).

_____. *et alii. Grammaticalization: A conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HIMMELMANN, Nikolaus. P. Lexicalization and grammaticization: oposite or orthogonal? In: Bisang, Walter; Himmelmann, Nikolaus P.; Wiemer, Björn (eds). *What Makes Grammaticalization? A Look from its Fringes and its Components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.21–42.

HOPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

NICOLLE, Steve. Pragmatic aspects of grammaticalization. In: NARROG, H. and HEINE, B. (eds). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

TRAUGOTT, Elizabeth.C. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H. and HEINE, B. (eds). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

_____. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: Hubert Cuyckens, Kristin Davidse and Lieven Vandelanotte (eds). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. (Topics in English Linguistics) Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2010. p.1-23.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.